

## **RESIDÊNCIA DO SENHOR ANTÔNIO: habitação de taipa e barro, lugares de memória e memória de lugares**

Cícero Ney Pereira de Oliveira<sup>1</sup>

Orestes Jayme Mega<sup>2</sup>

**Resumo:** A noção de patrimônio edificado mais difundida no Brasil é representada pelos grandes casarões e estabelecimentos elitistas que remontam às épocas colonial e imperial e, em alguns casos, até mesmo a projetos do início do século XX. Logo, a legitimação desta noção de patrimônio interfere no processo de autoafirmação dos indivíduos, apresentando-se como instrumento de afirmação de um projeto de poder, ao mesmo tempo que obscurece e silencia a memória de outros segmentos sociais. Neste artigo, trabalhamos com a história oral segundo o conceito de Michael Pollak que, ao dar voz às “memórias subterrâneas” faz com que grupos subalternos possam ser ouvidos e terem suas memórias preservadas. O artigo parte dos dados obtidos junto à comunidade Barreiro do Café, localizada na área rural do município de São Raimundo Nonato, Piauí. Tais dados, oriundos de uma pesquisa que se localiza na interface entre a Arqueologia e a História, demonstram a necessidade de ampliação da noção de patrimônio para que agregue a memória de grupos subalternos do semiárido nordestino que são representativos da memória regional e que costumam ser esquecidos.

**Palavras-chave:** Arquitetura popular; Identidade; Memória; Patrimônio.

**Abstract:** The notion of edified heritage best known in Brazil is represented by the big houses and others elitist buildings that goes from the colonial and imperial epoch and,

---

<sup>1</sup> Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela UNIVASF. E-mail: [ney.oliveirasg@hotmail.com](mailto:ney.oliveirasg@hotmail.com).

<sup>2</sup> Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela UNIVASF e Mestrando em Antropologia pela UFPEL. E-mail: [orestes\\_mega@yahoo.com.br](mailto:orestes_mega@yahoo.com.br).

in some cases, even to projects in the beginning of the twentieth century. This way, the legitimization of this notion of heritage has an important role in the process of self-affirmation of the individuals, presenting as instruments of affirmation of a project of power, at the same time that it obscures and makes silence about the memory of others social groups. In this article we work with the oral history according to the Michael Pollak's concept that gives voice to the memories of subaltern groups and makes with that the voices of subterranean memories can be heard, this way doing that the subaltern groups can be heard and having their memories preserved. The article was written using the data obtained in a rural community called Barreiro do Café, located in the municipality of São Raimundo Nonato, state of Piauí, in the Northeastern region of Brazil. These data, obtained from a research that is in the interface of Archaeology and History, demonstrate the need of widening the notion of heritage with the purpose of represent the memory of subaltern groups in the northeastern region of Brazil because they represent the regional memory that, in many times is forgotten by the authorities.

**Keywords:** Popular Architecture; Identity; Memory; Heritage.

## Introdução

O esquecido sudeste do Piauí ganhou notoriedade internacionalmente a partir dos anos 70 do século XX quando iniciaram os primeiros estudos arqueológicos na região. Eles resultaram de uma parceria entre os governos do Brasil e da França conhecida como Missão Franco-Brasileira. O interesse em fomentar o desenvolvimento de pesquisas na referida região decorreu da constatação da potencialidade arqueológica e a expressiva quantidade de registros rupestres, ferramentas líticas, artefatos cerâmicos, restos de fogueiras e enterramentos.

Além de sítios pré-históricos, também foram localizados nesta região sítios arqueológicos de períodos históricos tais como aqueles relacionados ao início do século XX ou períodos mais recentes. Estes sítios estão relacionados ao ciclo de exploração da borracha e aos grupos “manicobeiros” cuja relação de existência, não obstante, ainda permanece na memória de muitos indivíduos lúcidos. Todavia, as pesquisas no âmbito arqueológico e

patrimonial, direcionadas aos estabelecimentos rurais tais como as construções em taipa e barro do Sudeste do Piauí ainda são incipientes.

Em virtude disso, estudamos a técnica construtiva de taipa e barro sob o ponto de vista da preservação patrimonial. Nesse sentido, elege-se como objeto de estudo uma residência no povoado Barreiro do Café. A residência estudada tem relevância porque diz respeito ao resgate e manutenção das técnicas construtivas tradicionais e configura-se como símbolo de tradição e alternativa ao modelo de construção atual.

A memória individual e coletiva trabalhada aqui tem o intuito de recuperar a memória dos grupos sociais historicamente excluídos. Ela traz à tona instantes da “história oral” e formas de organização espacial pretéritas. Resgata também os discursos esquecidos, subsumidos e reconta histórias que muitas vezes estão distanciadas da lógica do discurso “oficial”.

Entendemos a memória individual como as lembranças que se referem à vivência de cada indivíduo, mas que trazem imbuídas referências que remetem ao contexto maior da coletividade, ou da realidade social a que este indivíduo faz parte, construindo, assim, a memória coletiva. Por esse motivo defendemos a importância da história individual na construção da história social e a memória coletiva.

O tema da Memória é crucial no momento de estudar o patrimônio e se caracteriza pela tentativa do homem ocidental em suplantar a morte. Nosso estudo busca também trazer de volta, ou reviver valores de um modo de habitação que já não está em voga ou que se encontra diluído no presente. Portanto, memória e esquecimento fazem parte da mesma dinâmica que define o estudo da preservação patrimonial aqui estudada.

Esse estudo é legítimo no sentido que analisa lugares cujas representações são construídas por pessoas pertencentes aos chamados grupos subalternos, grupos estes ditos marginais e minoritários em poder de decisão e que tiveram os seus modos de vida e saberes negligenciados pela história dita oficial. Nesse sentido o nosso trabalho colabora com o entendimento de uma questão pertinente não apenas à exclusão

socioeconômica de uma parcela significativa da população do sertão piauiense e, de modo geral, de todo semiárido nordestino, mas também à exclusão desta mesma população no que se refere à história e à arqueologia de seus modos de vida e, especialmente, de seus modos de habitação.

### **Historicidade Da Residência Do Senhor Antônio e Povoado Barreiro Do Café**

A residência do senhor Antônio Machado<sup>3</sup> foi construída em 1980. Pouco tempo depois, novas construções foram erguidas no entorno para abrigar seus filhos, que ao se casarem com pessoas geralmente provenientes da circunvizinhança, fez com que o povoado Barreiro do Café fosse crescendo e ganhando feições de um pequeno vilarejo.

A localidade Barreiro do Café fica a pouco mais de dez quilômetros da sede do município de São Raimundo Nonato, município que abriga parte de um dos mais importantes patrimônios da humanidade: o Parque Nacional Serra da Capivara, importante museu a céu aberto detentor de um grande acervo arqueológico e famoso por conter evidências de presença humana muito anteriores àquelas defendidas pelas teorias mais difundidas do povoamento do continente americano. No meio dessa riqueza histórica e arqueológica, o povoado Barreiro do Café é formado por onze casas, habitações tão simples quanto seu povo.

O povoado Barreiro do Café é mais um dos tantos povoados desassistidos e até mesmo “invisíveis” para os governantes. Na localidade ainda não há um sistema de água encanada e somente em 2010, com o incentivo do programa luz para todos, foi instalada luz elétrica. A falta de escolas é outra evidência da “invisibilidade” da pequena comunidade. Sem escolas no povoado, os moradores são obrigados a se deslocarem até a cidade

---

<sup>3</sup> Os nomes dos moradores do povoado Barreiro do Café apresentados neste artigo são fictícios.

de São Raimundo Nonato na esperança de encontrar o conhecimento escolar que lhes falta.

Nesse pedaço de sertão sofrido, mas de povo forte e resistente, observa-se a heterogeneidade do grupo que, mesmo contendo algumas diferenças entre seus membros, permanecem unidos. Cada indivíduo possui seu lugar de representação, organizam-se de forma plural e apesar das idiossincrasias de cada um, todos são respeitados como iguais. No Povoado Barreiro do Café encontramos gente hospitaleira que, sem parcimônia, divide com os visitantes a última reserva de alimentos que possuem. As marcas de sol estampadas em seus rostos – símbolo da labuta no campo – mostram que as relações do homem com a terra transcendem o simples cultivo, elevando aquele espaço comunitário a um patamar de grande importância identitária. E é por esse amor àquele pedaço de chão maltratado, mas que sempre alimentou os seus habitantes, que o povo do Barreiro do Café não irá recuar, pelo contrário, irá lutar com todas as suas forças pelo direito de permanecerem no seu “paraíso castigado”, porém amado, como podemos constatar na fala de Antônio Machado em entrevista concedida a discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco em (12/02/2013):

Os políticos só vêm aqui de quatro em quatro anos. Aqui nós somos esquecidos. Graças a Deus que tenho coragem para trabalhar, seja no cabo da enxada ou da foíce o que vier eu topo, menos roubar, isso eu nunca fiz e não faço. Meu pai me ensinou que temos que viver do suor do nosso rosto. Eu me lembro que quando fundei esse povoado aqui não tinha nada, somente a terra, fiz logo um roçado para plantar e dar de *cumê* para a filharada, e a coisa foi melhorando mesmo com sofrimento foi melhorando. *Chuvia* muito e a gente tinha ao menos o que *cumê*. Luxo a gente nunca teve, *mais* fome também graças a Deus não passamos, a gente vota mesmo porque é o jeito, *mais* vontade mesmo eu não tenho mais, até que agora depois do Lula e da Dilma as coisas estão um pouco melhor, não é muito não *mais* tem ai esses *cartão* e o povo vai se *arremediando* (ANTÔNIO MACHADO, entrevista em 12 fev. 2013).

Imagem 1 - Antônio Machado (nome fictício), patriarca do povoado Barreiro do Café, entrevistado em (12/02/2013).



Foto: Carlos Rocha, 2013.

### **Patrimônio e meio ambiente no povoado: a problemática do lixo**

Um dos problemas que compõem o quadro de inoperância e negligência pública no povoado Barreiro do Café é o estabelecimento de um lixão a céu aberto nas suas proximidades. Esse lixão foi criado em 2009 e infringe a lei Nº 12.305/2010 que complementa a lei Nº 9.605/1998 de segurança sanitária que propõe a deposição de resíduos sólidos, particularmente lixo domiciliar, em aterros sanitários (locais utilizados para a disposição de resíduos sólidos no solo) que, fundamentados em critérios de engenharia e normas operacionais específicas, permitem uma confinação segura em termos de

controle de poluição ambiental e proteção à saúde pública. Esta lei também propõe que os aterros fiquem a uma distância mínima de 10 quilômetros de qualquer área habitada.

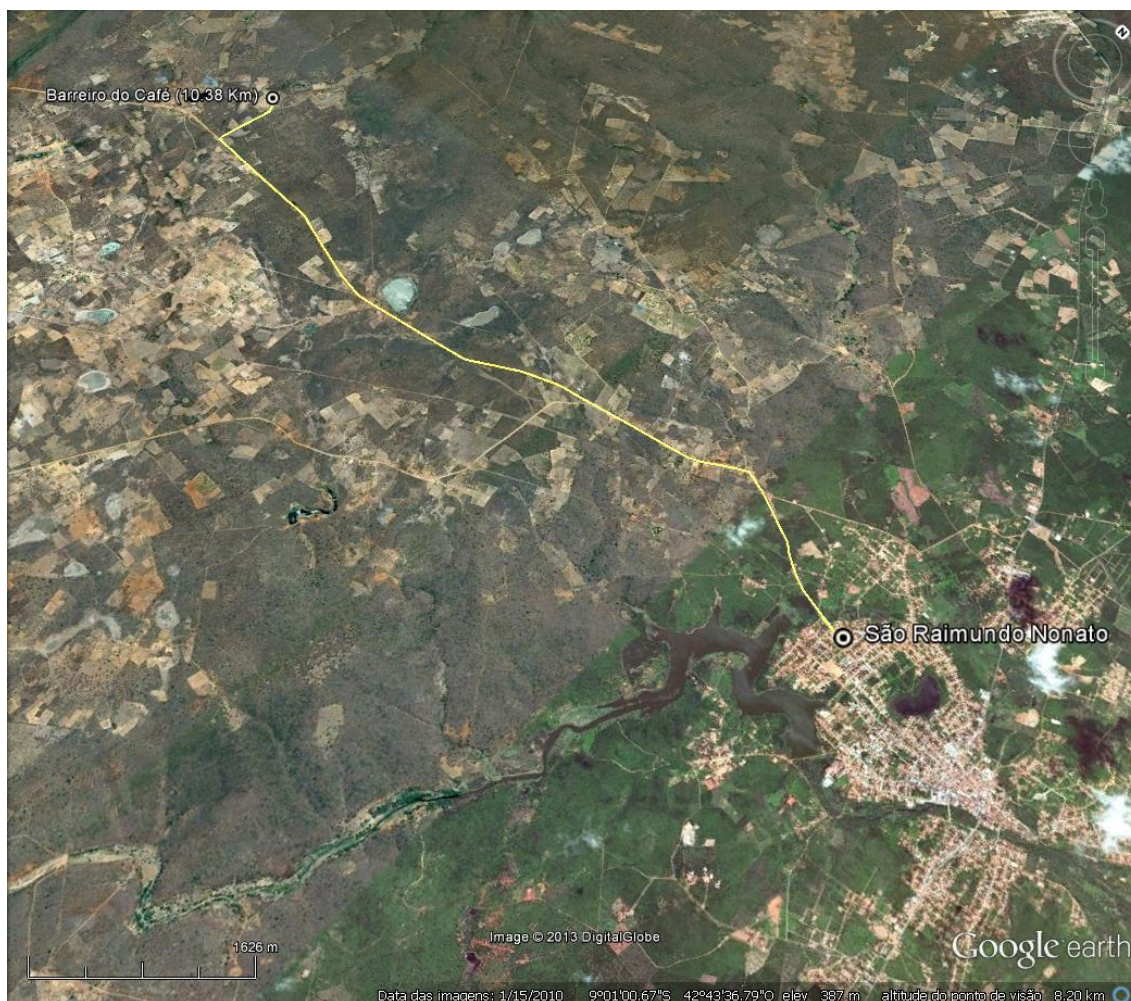
O lixão próximo ao povoado Barreiro do Café não atende às regulamentações sanitárias dispostas na constituição. A disposição de resíduos sólidos a céu aberto e próximo ao povoado tornou-se um problema revoltante para os moradores devido ao mau cheiro exalado pelo lixo em decomposição, que traz não apenas o horrível odor nauseabundo, mas inúmeras doenças para os habitantes, como afirmou Antônio Machado em entrevista concedida a discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco em (09/02/2013):

Depois que fizeram esse maldito lixão bem ai, a vida da gente aqui virou um inferno. Não se pode mais criar animal, não consigo mais sentir o cheiro gostoso da caatinga, (longa pausa), acabou tudo, o que restou foi esse cheiro desgraçado que vocês estão sentindo aí. Quando o vento bate nessa direção, sinto um desgosto, fizeram isso só porque somos um monte de pobre, queria ver se fosse um *bucado* de ricos que morasse nesse mesmo chão, aí eu queria ver se alguém fazia essa desgraça que fizeram. Minha filha Rosângela (nome fictício) adoeceu de meningite e o médico falou que foi porque ela inalava esse cheiro, isso aumentou mais ainda o meu ódio, quase perdi a minha filha. Olha, meninos, eu vou dizer uma coisa para vocês: eu sonho com o tempo em que eu sentava aí fora em minha esteira velha e ficava horas deitado tomando um vento sentindo o cheiro bom das flores da caatinga. Isso acabou! Nós *tinha* um caldeirão<sup>4</sup> bem ali fora, juntava água da chuva e a gente dava para os animais beber. Hoje os urubus vêm beber essa água e se as cabras, galinhas e outros animais beberem adoecem e morrem. Não podemos criar animal solto aqui porque eles vão comer todo tipo de imundície lá no lixão (ANTÔNIO MACHADO, entrevista em 09 fev. 2013).

---

<sup>4</sup> Em uma das suas definições, caldeirão é um tanque natural nas lajes, onde se reúne a água da chuva.

Imagem 2: Foto aérea de parte da cidade de São Raimundo Nonato destacando a rota para o povoado Barreiro do Café.



Fonte: Google Earth (Foto cedida por Mateus Iguatemy).

Uma vez que a cultura pode ser encarada como um mecanismo pelo qual o homem em sociedade interage com o seu entorno natural, quando o relacionamento entre as comunidades tradicionais e as características naturais do seu ambiente de vida é quebrado, o espaço entra em desarmonia, isso porque a diversidade cultural não pode estar divorciada da diversidade biológica (WALDMAN, 2006, p. 24).

A interação de moradores do Barreiro do Café com a natureza está consolidada no fato de possuírem a caatinga como quintal, porém a diversidade biológica compreendida como fauna e flora nas proximidades do povoado Barreiro do Café está ameaçada devido à exagerada quantidade de



lixo depositado no solo, agravada ainda mais pelas inúmeras queimadas desses resíduos poluentes. Realidade bastante diferente do período pré-lixão quando o senhor Antônio sonhava com o tempo em que ele sentava fora de sua casa em sua esteira velha e ficava “horas deitado tomando um vento e sentindo o cheiro bom das flores da caatinga”.

O ambiente natural sofreu alterações desastrosas e conseqüentemente afetou o ambiente social do vilarejo em questão. O relacionamento entre as comunidades próximas já não é o mesmo e as tradições praticadas pelo povo do seu Antônio foram modificadas, forçando-os a criar novas estratégias de ação. Um exemplo é o manejo com os animais, que antes criados em regime de pecuária extensiva, agora são criados em ambientes em regime de pecuária intensiva. Para Branco:

A relação da questão ambiental com a biologia num contexto interdisciplinar é inegável. Mais do que isso: é fundamental, no sentido de que a biologia é, por definição, a ciência que trata da vida em seu amplo sentido, enquanto a preocupação com o meio ambiente diz respeito, objetivamente, à prevenção contra a extinção da vida em geral e, em particular, da vida humana (BRANCO *apud* WALDMAN, 2006, p. 24).

O lixão estabelecido há cerca de 550 metros do povoado Barreiro do Café é uma ameaça tanto para a vida de animais e plantas quanto para a vida dos seres humanos. Essa perturbação no meio ambiente provocou uma cisão na dinâmica local interferindo diretamente na sua questão cultural. O mau cheiro produzido pelo processo de decomposição de resíduos orgânicos e as queimadas são bons exemplos dessa intrusão na vida dos habitantes daquela comunidade que acabam por inviabilizar a produção de maiores relações sociais e desautorizaram espaços que um dia foram de grande importância para a troca de experiências genuinamente humanas (sentar na frente da casa para conversarem sobre o misticismo dos causos, etc), transformando-se num grande deserto vazio e inabitável de matéria humana: o espaço da tradição deu lugar ao silêncio contido e resignado dos que ainda sonham com o aroma agreste daquele jardim violado pela “serpente-progresso”.

Imagem 1 - Lixão a céu aberto em São Raimundo Nonato Piauí.



Fonte: acervo site 180°, 2013.

Sob uma perspectiva arqueológica, a residência do senhor Antônio pode ser analisada como um “super artefato” na medida em que suas características técnicas estão intimamente associadas com modos “pretéritos” de construção de residências. Entendido desta maneira, a residência do senhor Antônio poderia ser considerada como sendo de grande interesse para a arqueologia regional pois poderia ser usada como modelo para entender habitações semelhantes espalhadas pelo sertão. Além disso, a residência pode ser entendida como contendo bens de natureza imaterial importantes pois necessita, para sua construção, de conhecimentos transmitidos de geração em geração por um longo período. Neste sentido, é importante entendermos as palavras de Lima (2007, p. 5).

A sobrevivência de bens arqueológicos só é preservada se o meio ambiente onde ele se encontra for igualmente preservado. A devastação ambiental tem um impacto violento sobre esse patrimônio, de tal forma que políticas

preservacionistas ambientais são indissociadas e devem caminhar paralelamente [...] é fundamental que as normas legais que regem esse domínio acompanhem a dinâmica da sociedade para a qual foram concedidas ou o estado-nação corre sérios riscos de cair em obsolescência, impotente para combater as múltiplas formas de impacto que se abatem sobre seu patrimônio (LIMA, 2007, p. 5).

Quando o estado não cumpre o seu papel de preservação ambiental que constitui o patrimônio natural da nação, acontece um descompasso na dinâmica dos grupos subalternos ao mesmo tempo que entra em compasso com as forças do mercado que, orientadas para garantir privilégios para uma minoria da população nacional, faz com que milhões de pessoas percam tenham que abandonar suas regiões natais e seus modos tradicionais de vida, fazendo com isso aparecer um sentimento nostálgico expresso em lembranças de tempos melhores, como observado nas palavras de Luíza Machado (nome fictício) em entrevista concedida a alguns alunos da Universidade Federal do Vale do São Francisco em (12/02/2013):

Antigamente a gente ficava aqui fora contando histórias e rindo, um fazia café e trazia, outro fazia pipoca, oh tempo que foi bom! Tinha uns que tinha medo de assombração, eu mesmo tinha medo de alma, outros *dizia* que não *acreditava*, *mais* bem tinha medo, *dizia* aquilo só para se *gabar*, tinha uns paqueras que vinha aqui conversar com a gente, isso tudo acontecia ali debaixo daquele pé de juá. Hoje com esse cheiro que vem do lixão ninguém quer ficar aqui fora. Pra pobre a vida, é bom tempo *pra* pouco tempo. Nossa mãe contava que quando ela e *painho* mudaram *pra* cá, isso antes da Rosângela (nome fictício) nascer, aqui era muito tranquilo, mesmo não tendo luz e nem água encanada, eles não sentiam muita falta, chovia muito naquele tempo, como eu já falei *pra* vocês, eu e meus irmãos ainda pegamos um pouco daquele tempo bom, mesmo com a seca, aqui ficou ruim mesmo foi depois que colocaram aquele lixão ali (LUÍZA MACHADO, entrevista em 12 fev. 2013).

Analisando os relatos de Luíza Machado, podemos observar que por mais que aquelas pessoas não tivessem o conhecimento da dimensão do significado de patrimônio em uma visão acadêmica, existia um sentimento de pertencimento para com o ambiente circundante e, de maneira especial, com

a localidade onde nasceram, criaram-se e construíram as suas identidades e memórias. Outro ponto a ser destacado é que memória é o resultado de acontecimentos vividos pessoalmente ou acontecimentos “vividos por tabela” como destaca Pollak (1992, p. 9): “na qual o entrevistado compartilha de experiências vivenciadas e contadas por outras pessoas”.

As transformações no meio ambiente advindas da irresponsabilidade do poder público vêm afetando as relações sociais no povoado Barreiro do Café. As lembranças de tempos melhores estão no passado, o que denota insatisfação em acontecimentos vividos em tempos atuais, isso em consequência à falta de políticas públicas competentes do poder público municipal no que concerne à questão dos resíduos lançados no lixão.

### **Cultura material e imaterial**

Em meio a inúmeros problemas, o patriarca Antônio Machado e sua família resistem e insistem em um estilo de vida tradicional: plantando, colhendo e alimentando-se da produção de subsistência; ao menos em parte, já que alguns produtos não estão mais sendo plantados devido a fatores como a seca e a falta de políticas públicas que viabilizem um canal de agricultura sustentável: a irrigação seria uma alternativa.

A mandioca (*Manihot esculenta*) por ser uma planta resistente à seca e sobreviver meses sem muita necessidade de água é uma das poucas que ainda é cultivada em regime de agricultura familiar, e no povoado que vive Seu Antônio não é diferente, ainda se planta e manufatura a mandioca.

Em entrevista concedida para discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco em (12/02/2013), o senhor Antônio Machado detalha como ele próprio construiu uma casa de farinha com as suas próprias mãos e com material retirado do entorno da comunidade:

Primeiro eu fiz a prensa<sup>5</sup> depois eu fiz o forno e fui fazendo de

---

<sup>5</sup> Em uma das suas definições prensa é uma trave de madeira, grossa e larga, colocado

pouco até terminar. Cobertura mesmo eu só fiz no forno para proteger o torrador da farinha em noite de chuva e contra o sol também. Eu cansei de ter que fazer farinha nas casas de outras pessoas e no mais também ficava longe, tinha que levar a mandioca em lombos de jumentos, era um sacrifício, quando fiz a minha a coisa melhorou, a gente mesmo *ranca* e a gente mesmo faz todo trabalho, eu e minha família. Antes vinha gente de fora também, *mais* hoje como a mandioca é pouca nós mesmo fazemos tudo (ANTÔNIO MACHADO, entrevista em 12 fev. 2013).

## Casa de farinha

A casa de farinha vem das nossas origens indígenas e até hoje tem um papel muito importante na vida dos povos, principalmente os que habitam o nordeste do Brasil. As casas de farinha são locais de intensa produção de relações sociais. Nesse ambiente os laços se estreitam não apenas internamente, mas também externamente, já que comunidades outras costumam participar do desmanche da mandioca fora das suas localidades. Nas casas de farinha é costume iniciar romances entre os moradores que por muitas vezes terminam em casamentos; o compadrio e os contos de anedotas são comuns nessas localidades. Em época de *farinhada* é uma festança, as pessoas que participam do processo de fabricação da farinha não distinguem a diversão do laboro e o trabalho fica menos cansativo quando encarado com alegria e distração, esta é uma ocasião em que a coletividade é vivida mais intimamente.

## Memória na casa de farinha

Os acontecimentos vividos nas casas de farinha são memoráveis. Muitas vezes em conversas, os participantes de uma *farinhada* relembram

---

horizontalmente ao arroche das casas de farinha, ficando-lhe na parte superior o cocho, que recebe a massa e é perfurado embaixo a fim de deixar vazar a manipueira.

acontecimentos de quando os finados se comportavam no laboro quando ainda estavam vivos. Para Pollak (1992, p. 202):

Existem lugares de memória particularmente ligados a uma lembrança que pode ser uma lembrança pessoal mais que também pode ter apoio no tempo cronológico. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela (POLLAK, 1992, p. 202).

Esses acontecimentos vividos estão bem vivos na memória do senhor Antônio Machado em entrevista concedida a discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco em (12/02/2013):

Eu me lembro como se fosse hoje, quando a gente arrancava a mandioca, aqui era uma festança, a fartura era grande, menino comia beiju até largar, os adultos cantavam e tomavam uma *pingunha* que ninguém é de ferro, (risos). Lembro de compadre Zelão cantando “ole mulé rendeira ole mulé rendá tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorar”. Foi em uma dessas *farinhadas* que a Luíza (nome fictício) minha filha conheceu o marido dela, foi um feliz casamento, até hoje vivem bem, foi um bom tempo. Hoje a mandioquinha é pouca e não tem mais aquela festança de *farinhar* um mês ou dois, hoje é uns dois ou três dias, isso quando tem *farinhada*, tem ano que nem tem (ANTÔNIO MACHADO, entrevista em 12 fev. 2013).

Dentre os subprodutos da raiz da mandioca destacam-se a farinha e a tapioca, sendo esta última a matéria prima da qual se faz o beiju. Rosângela Machado (nome fictício) em entrevista concedida a discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco rememora seu passado ao lado das amigas e lamenta o porquê daquele tempo estar preso ao passado:

O momento de fazer o *beiju* era o melhor. Enquanto papai estava ocupado com outros trabalhos da *farinhada* a gente dava umas *bitocas* nos rapazes que vinham de outros povoados ajudar. Não consigo entender porquê naquele tempo não tinha energia *mais* era bem melhor que hoje, parece que a gente era mais feliz. Quando encontro as amigas que na época eram novas como eu, a gente fica lembrando aquele tempo e tem

umas que até chora (ROSÂNGELA MACHADO, entrevista em 12 fev. 2013).

Imagem 4 – Rosângela Machado (nome fictício) entrevistada em (12/02/2013).



Foto: Carlos Rocha, 2013.

Quando voltamos a encontrar um amigo de quem a vida nos separou, inicialmente tentamos fazer algum esforço para retomar o contato com ele. Entretanto, assim que evocamos juntos diversas circunstâncias do passado, esses fatos assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque é uma lembrança dupla que foi vivida em um único acontecimento. “Não os vemos agora como os vimos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro” (HALBWACHS, 2006, p. 18).

Percebemos que a memória vivida por Rosângela Machado e suas amigas é repleta de momentos vividos coletivamente numa “época de ouro”, onde aquelas mulheres se confraternizavam alegremente em torno de instantes inesquecíveis de um passado que não volta mais, transformados agora apenas em imagens autênticas de uma bela moldura nostálgica que o presente insiste em confinar na cadeia irreversível do tempo. Nesse sentido, a memória é o guia que retira Rosângela e suas amigas da melancólica condição atual e as transporta para o reino mágico e poético de seu admirável passado inviolável. Uma alegria que só a memória pode proporcionar se

pensarmos que esses acontecimentos ditos bons não voltam mais. Mas que podem ser revividos constantemente através da deusa Mnemosyne<sup>6</sup>: não do hoje adulto sem sonhos, mas do jovem livre e feliz do passado, mestre de si mesmo em um tempo e em um espaço melhores.

### **Memória Social, Identidade e Lugar de Representação**

A memória social pode ser entendida como “processos sociais e históricos, de expressões, de narrativas de acontecimentos marcantes, de coisas vividas, que legitimam, reforçam e reproduzem a identidade do grupo” (CRUZ, 1993 *apud* RODRIGUES, 2006, p. 4).

Os lugares de memória podem ser entendidos como um sistema de representações onde é permitido aos indivíduos criarem imagens do passado que correspondem a quadros de significação do presente. “São esses quadros de referências que nos dizem o que em cada momento deve ser recordado e o que deve ser esquecido, fornecendo uma “ética” feita de recordações e esquecimentos” (HALBWACHS, 2006, p. 107).

Compreendemos que o grupo ao qual pertence o seu Antônio e família é um participante da memória coletiva local por possuir lugares representativos e dinâmicos onde o indivíduo relaciona-se coletivamente e recria suas “verdades” a partir da pluralidade. Para Macedo:

Lugar de representação pode ser entendido como um território simbólico e presente das lutas sociais. É um espaço para construção identitária e é, também, um portal para as pontes multidimensionais que ligam uns lugares de representação a outros. Eles, neste aspecto, são os vetores que canalizam as relações conflituais de articulação, de negociação, de tensão, de acordos entre os diversos grupos humanos e, também, entre as pessoas (MACEDO, 2012, p. 1).

O grupo ao qual faz parte o seu Antônio negocia em um espaço

---

<sup>6</sup> Deusa grega da memória.



conflituoso. Ou seja, é um grupo ativo que, em um mundo globalizado onde o indivíduo subalterno articula mecanismos, possibilita sua sobrevivência e lhes proporciona falar e se representar em todos os setores da sociedade. As estratégias para entender e sair da modernidade existem em povoados como o do Barreiro do Café, mesmo não sendo compreendidos como tais, ali os moradores criam estruturas para sobreviver e dar continuidade aos seus costumes e modos de vida.

Os moradores do povoado Barreiro do Café possuem elementos do passado que não só atuam no presente como também fornecem um quadro de referências para interpretação de mundo, onde o portal da memória se abre em um esquema interpretativo transmitido no espaço e no tempo. Esses elementos dialogam com a fala de Antônio Machado que, em entrevista para discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco em (18/08/2014), afirma o seu lugar representativo e negociante ao falar de política e resistência:

Eu ainda falo por esse meu povo aqui não sei se é porque sou disposto. Esse ano é ano de eleição. Sei que vão *vim* aqui pedir voto. O meu voto eu não vendo, *mais* vou negociar. Já faz um bom tempo que *tô futucando* um poço *pra cá pro* meu povoado, sei que não vai ser fácil *mais* a gente tentando e fazendo acordo um dia sai. Se não sair ao menos tentamos, *mais* vender o voto por *mincharia* e no mesmo dia não ter mais nada, isso eu não faço não, nem eu nem os meus, a gente precisa *está unidos* se quiser conseguir alguma coisa (ANTÔNIO MACHADO, entrevista em 18 ago. 2014).

Os modos de vida na residência e povoado do senhor Antônio são carregados de símbolos cujos elementos mesclam-se, formando uma identidade local marcada pelo contraste entre um passado de pobreza digna, pois sem a presença incômoda do lixão, e um presente de pobreza indigna pois marcado pela presença fétida do lixão. Um fator relevante observado na fala de moradores é a religião. Esse fator desempenha um papel muito importante no processo de construção identitária local.

O universo religioso implica uma mobilização específica da memória

coletiva e de sua transmissão e reprodução social.

As práticas religiosas constituem um sistema de diversos lugares representativos, um sistema de referências aos quais os atores sociais recorrem, espontaneamente, para refletir o universo no qual vivem (HALBWACHS, 1992 *apud* RODRIGUES, 2006, p. 9).

Para Antônio Machado, em entrevista para discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco em (12/02/2013), religião é um fator importante quando diz:

Aqui a gente é católico, não vamos muito *em* igreja não. Como vocês *tão* vendo aqui não tem igreja *mais* temos a reverência a nossa Senhora Aparecida e nosso Senhor Jesus Cristo, só ele *podem* proteger a gente mais ninguém. Eu nasci católico e vou morrer também. Eu não vejo graça em crente, quem dos meus quiser passar *pra* lei de crente que passe eu não vou proibir *mais* eu mesmo não passo. Eu guardo o rosário que minha velha usava *pra* rezar. Está lá dentro do quarto dela, os quadros de santo dela também *tão* guardados. Lá na cova dela eu coloquei um rosário esse ela usava nas novenas (ANTÔNIO MACHADO, entrevista em 12 fev. 2013).

Conforme Pierre Nora, a cultura popular, a história da vida familiar e a religiosidade são elementos importantes na construção social da memória. Segundo Halbwachs (2006, p. 14), “há uma forte e inseparável relação da memória social com a construção de identidade e a identidade reflete todo o investimento que um grupo faz, ao longo do tempo, na construção da memória”. Portanto, a memória coletiva está na base da construção da identidade. Esta reforça o sentimento de pertença identitária e, de certa forma, garante unidade, coesão e continuidade histórica do grupo.

Os ritos e mitos que cercam os moradores do povoado Barreiro do Café fazem parte da memória coletiva de pessoas que vivenciaram momentos tristes e alegres na companhia de outros. Essas memórias fazem parte de um todo e serve como suporte aos participantes de acontecimentos vividos em tempos passados.

Imagem 2 - Túmulo de Maria Machado (nome fictício).



Foto: Carlos Rocha, 2013.

A memória pode ser entendida como um fenômeno social e é coletivamente construída e reproduzida ao longo do tempo. Assim como o patrimônio cultural (ou como um patrimônio cultural), a memória social é dinâmica, mutável e seletiva; seletiva porque nem tudo o que é importante para o grupo fica “gravado na memória” e nem fica registrado para as gerações futuras.

Há uma questão pertinente nesta discussão sobre memória: existe uma memória individual ou ela é necessariamente coletiva? A memória individual (se é que ela existe) é construída necessariamente a partir e no interior de um grupo; portanto, de uma memória coletiva e de uma memória histórica. “A memória histórica é entendida como o ‘passado vivido’, constituído pela sucessão de acontecimentos e momentos marcantes na vida do grupo e que possibilita a construção de uma narrativa sobre o passado” (HALBWACHS, 2006, p. 20).

O passado vivido por seu Antônio e grupo ao qual faz parte ficou

registrado em suas memórias e é algo intrínseco em suas vidas. Um passado marcante nas vidas dos mesmos é também o passado acerca de acontecimentos em que o poder público nega aos citados cidadãos o direito à saúde em horas decisivas de vida ou morte.

Em entrevista para discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco em (12/02/2013) o senhor Antônio Machado desabafa ao falar em falta de assistência à saúde para os moradores do seu povoado, principalmente o caso da sua própria filha:

Quando cheguei *no* hospital tive logo uma discussão com uma enfermeira que eu pensei ser a diretora do hospital quando vi a minha filha lá jogada. Eu disse o importante daqui não são vocês não, o importante daqui somos nós, e como eu já *tava* com raiva já não chamei ela nem de senhora, chamei ela foi de você, você acha que importante aqui é você *mais* o importante aqui somos nós, você tá aqui é paga por nós, e é *pra* nos atender e é bem porque o importante aqui somos nós *né* vocês não. Aí ela disse ainda bem que você sabe que o importante aqui é você, eu disse sei, eu para viver não preciso disso aqui não, só preciso daqui de remédios e você para viver depende disso aqui [...] e pode arrumar um carro *pra* levar a minha filha daqui. Ai comecei *esculhambar* e ela disse *tá* bom de chamar a polícia, eu disse *tá, pra* polícia ver a *sem vergonhagem* de vocês aqui e pode chamar a polícia *pra vim* me tirar daqui. Só que não saio daqui pisando no chão, eu saio daqui montado nas costas de um diabo aqui. Ai virei *pra* ela e disse talvez seja na sua [...] ai foi logo, ligaram *pra* tudo que canto, tudo que é cidade aqui de perto até acharam uma ambulância... quando chegou lá em Teresina foi comprovado logo que eram meningite ai o pessoal de lá mandou que eu fosse na diretoria do hospital daqui (São Raimundo Nonato - PI) para fazerem uma vistoria no povoado, na água do povo e se for possível fazer exames nos meninos daqui e em quem teve contato com a doente, ai eu fui lá perguntei se a diretora *tava*, disseram *tá*, e eu *pá* bati a mão na porta já com raiva, puxei no trinco e entrei, [...] passei o recado do médico de Teresina sobre fazer a vistoria aqui e se possível fazer exame nas pessoas que tiveram contato com a minha filha que estava com meningite, a diretora respondeu que enviaria o pessoal da vistoria, nunca apareceram aqui, isso faz dois anos (ANTONIO MACHADO, entrevista em 12 fev. 2013).

Essa memória sobre descaso com a saúde pública é uma triste realidade no Brasil, principalmente no nordeste desse país. No entanto,

reivindicar os direitos como cidadãos que querem o retorno dos seus impostos em forma de educação, saúde etc., é desafio para cidadãos das classes invisíveis, a desassistência aos citados grupos põem em jogo as identidades que lutam e resistem procurando espaço em um mundo líquido moderno, esses espaços constituem-se muitas vezes em locais de resistência e ou de negociação estes necessários em um mundo globalizado. Para Santos (2003, p. 02):

Os atores mais poderosos desta nova etapa da globalização reservam-se os melhores pedaços do Território Global e deixam restos para os outros. Mas a grande perversidade na produção da globalização atual não reside apenas na polarização da riqueza e da pobreza, na segmentação dos mercados e das populações submetidas, nem mesmo na destruição da Natureza. A novidade aterradora reside na tentativa empírica e simbólica de construção de um único espaço unipolar de dominação. A tirania do Dinheiro e da Informação, produzida pela concentração do capital e do poder, tem hoje uma unidade técnica e uma convergência de normas sem precedentes na história do capitalismo (SANTOS, 2003, p. 2).

O mundo globalizado moderno reflete diretamente na dinâmica de memória dos grupos. Haja vista que os processos do capitalismo, perverso tal qual ele é, impõe um território” do dinheiro e da fragmentação onde as construções edificadas com material provindo de recursos naturais retirados do ambiente (que não necessita ser comprado) não tem espaço e indivíduos que ali constroem as suas memórias e identidades necessitam negociar para continuar sobrevivendo, se assim não o fazem são descartados e substituídos por indivíduos que consumam.

Contudo em concordância com Santos (2003, p. 10) outra forma de gerir as bases para uma sociedade mais uniforme pode ser possível.

Podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se

forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos (SANTOS, 2003, p. 10).

A reflexão do Geógrafo Milton Santos corrobora com esse trabalho no sentido de que possibilita uma compreensão mais abrangente acerca do mundo globalizado e de como a conjuntura dos mecanismos de consumo afetam a memória e identidades dos grupos e nesse contexto o grupo morador no povoado Barreiro do Café, mesmo resistindo ao modelo de construção moderno (ferro e cimento), em muitos pontos também são prejudicados por um sistema de consumo desenfreado (capitalismo) isso porque também estão inseridos nesse englobamento factual.

### **Considerações finais**

A memória social a respeito de algum lugar constitui um dos mais importantes aspectos a serem verificados em uma pesquisa arqueológica que contemple populações ainda vivas. No caso específico abordado neste artigo, verifica-se a importância do apego ao lugar como um elemento que o distingue e que o torna em espaço vital para a constituição de um senso de coletividade. O povoado Barreiro do Café possui seus lugares de referência que, para os moradores, constituem marcas na paisagem que não apenas os localizam no espaço geográfico, mas também numa história coletiva.

A residência do senhor Antônio representa o lugar de origem de toda uma coletividade que se sente histórica e socialmente ligada ao povoado Barreiro do Café. Pode-se interpretar a residência do senhor Antônio como o lugar da origem, a casa patriarcal que inaugura toda uma paisagem de vivência fundamentada no pioneirismo, no trabalho duro no sentido de “domesticar” a caatinga e na criação de outros lugares onde a vida se torna possível.

Entretanto, se a residência do senhor Antônio representa o lugar da origem, o ponto focal de onde se irradiam todos os esforços no sentido de

tornar a paisagem habitável e, neste sentido, representa o “berço” de uma coletividade por ser o espaço fundador de sua memória social, o lixão representa sua perfeita antítese pois é considerado como o lugar onde todo o esforço em tornar a paisagem habitável encontra seu limite máximo. O lixão constitui o ponto de origem e irradiação das forças que podem destruir toda uma paisagem historicamente construída.

Se, para os moradores do povoado Barreiro, a residência do senhor Antônio é a manifestação material de um “berço” coletivo, onde o passado revigora o presente, o lixão é a representação de um túmulo onde o futuro (que se configura como de cada vez mais acumulação de lixo no local), lança sombras sobre o presente.

### Referências bibliográficas

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LIMA JÚNIOR, Genival Costa de Barros. **Arquitetura vernacular praieira**. Recife: Barros Lima Arquitetura, 2007.
- MACEDO, José Jaime Freitas. **Lugar de representação: uma perspectiva descolonial**. São Raimundo Nonato: Univasf, 2012.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- POLLAK, Michael. Memória esquecimento silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- \_\_\_\_\_. Memória e identidade social, **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RODRIGUES, Donizete. Patrimônio cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica. **Ubimuseum**, Lisboa, v. 1, n.p., 2006.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec: São Paulo, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único á consciência universal**.

Rio de Janeiro: Record, 2003.

WALDMAN, Maurício. **Meio ambiente e antropologia**. São Paulo: Senac, 2006.

Recebido em: 20/04/2015.

Aprovação em: 23/06/2015.

Publicação em: 30/06/2015.